
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

APRESENTAÇÃO

Ao propor o dossiê “Formas breves na literatura contemporânea”, buscamos o poema “Poética”, de José Paulo Paes:

conciso? com siso

prolixo? pro lixo

Esse texto traduz um ideário de síntese e miniatura que não é exclusivo da literatura moderna e contemporânea. As formas de escrita breve sempre estiveram presentes na cultura literária, bastando-nos lembrar de gêneros ancestrais (como o epigrama, o epitáfio, as máximas) e populares (a fábula, o provérbio, a piada, a parábola). Contudo, é na modernidade, pelo menos desde o pré-romantismo alemão, que a predominância da concisão passa a ser sentida e se torna um valor, “um dos dons essenciais da modernidade: dizer densamente muita coisa por meio de poucas palavras”, de acordo com Antonio Candido.

No caso brasileiro, é a partir do modernismo de 1922 que a fusão de gêneros proporciona um intercâmbio expressivo, resultando, por vezes, em prosa atomizada e poema instantâneo, como se verifica em Oswald de Andrade, a fim de “obter, em comprimidos, minutos de poesia”, nas palavras de Paulo Prado em sua apresentação de *Pau Brasil*.

Encontra-se uma tendência à brevidade, também, na geração mimeógrafo (dita marginal) das décadas de 1970 e 1980 (Cacaso, Francisco Alvim, Chacal), na passagem “do soneto ao haicai” de Dalton Trevisan com *Ah, é?*, de 1994, e nos *Cem menores contos brasileiros do século*, organizado por Marcelino Freire em 2004. Entram nesse âmbito, ainda, as experiências digitais em suportes pré-fixados, como os 280 caracteres do Twitter e seu desafio a ministórias e minipoemas.

Nesse sentido, nesse volume, há contribuições que levam em consideração, por exemplo, o poema curto e o miniconto, além da verificação de como os gêneros antigos e populares sintéticos são reformulados esteticamente sob a forma de novas experiências na literatura contemporânea.

O primeiro artigo, “Representação da morte em minicontos da obra *Amar é crime*, de Marcelino Freire”, assinado por Ivana Bocate Frasson e Miguel Heitor Braga Vieira, ambos da UEL, destacam diversas das características do miniconto de Marcelino Freire, tais como a brevidade, a força da sugestão e do simbólico, a densidade, a ironia e a tensão. Há também incerteza na aporia entre o dito e o não dito, em que o sugerido e o que fica em elipse permitem a polissemia, em uma complexa rede de significados amplificada pelo recorte da cena narrada.

O texto “Na brevidade a abrangência: ironia em duas minificções de Dalton Trevisan”, de Gilda de Albuquerque Vilela Brandão e Wesslen Nicácio de Mendonça Melânia, ambos da UFAL, também destaca que a característica condensada e sintética das narrativas mínimas potencializa sentidos, o que é amplificado pela ironia, tropos que em si já carrega ambiguidade e multiplicidade de significados. Mostra, ainda, que tal recurso linguístico e narrativo constrói crítica à sociedade, constituindo-se em leitura corrosiva da realidade referencial.

Também com destaque para o humor e a ironia, o artigo “Nós poéticos de José Paulo Paes”, de Maria Mirtis Caser e Silvana Athayde Pinheiro, ambas da UFES, mostram a articulação do próximo, o pequeno, a parte e o local com o longínquo, o grande, o todo e o universal. Para tanto, tomam como corpus o poema “Ode à minha perna esquerda”, do livro *Prosas seguidas de odes mínimas*, de 1992, lido na perspectiva do epigrama, seguem como princípio metodológico a articulação entre obra e biografia, e têm por referenciais os conceitos de fragmento e de *unheimlich*, respectivamente de Roland Barthes e de Sigmund Freud.

Já “Prosa e versos esquecidos em *Balão Cativo*, de Pedro Nava”, de Maria Alice Ribeiro Gabriel (UFPB), traz à baila excertos do livro de 1973 do memorialista mineiro que abordam a questão da iniciação literária, sugerindo uma sólida formação de leitor que se revê entre explicações e narrativas de sua experiência vivida.

Em “Imprudências poéticas”, a autora Maria Rosa Duarte de Oliveira (PUC-SP) analisa as formas breves na literatura por dois prismas, a saber: 1) focalizando o conceito de brevidade pelo viés de Ezra Pound e do ideograma e 2) verificando como um romance contemporâneo, *Homens imprudentemente poéticos* (2016), de Valter Hugo Mãe, assimila as possibilidades de do texto breve na convergência entre prosa e poesia.

“Três versos e uma coda: as mutações do haicai no Brasil”, de Samuel Delgado Pinheiro e Eliane Cristina Testa (UFT), resgata tradição no Brasil dessa forma poética de origem oriental por meio da abordagem de autores como Guilherme de Almeida, Olga Savary e Paulo Leminski, responsáveis por uma aclimação do gênero com um haicai “abrasileirado”.

Por fim, o artigo “Sérgio Vaz: uma literatura breve para ser feliz”, de Lucía Tennina (Universidad de Buenos Aires), convida-nos a refletir sobre os modos de atuação de uma poesia dita periférica a partir de textos breves com vistas a uma inserção estética própria na sociedade.

Este dossiê, com tal conjunto de artigos, foi proposto na perspectiva de contribuir para a criação de um corpus de debate teórico e analítico de uma das tendências mais marcantes da literatura brasileira das duas primeiras décadas do século XX, a da radical miniaturização dos artefatos literários, em que o alexandrinismo de nossa época gera uma estética de reaproveitamento dos modos de narrar e das poéticas dos últimos séculos, desde a instauração da Era Moderna na transição do século XV para o século XVI.

Esperamos ter alcançado esse objetivo.

Miguel Heitor Braga Vieira (UEL)

Rauer Ribeiro Rodrigues (UFMS)

(responsáveis pelo volume)